

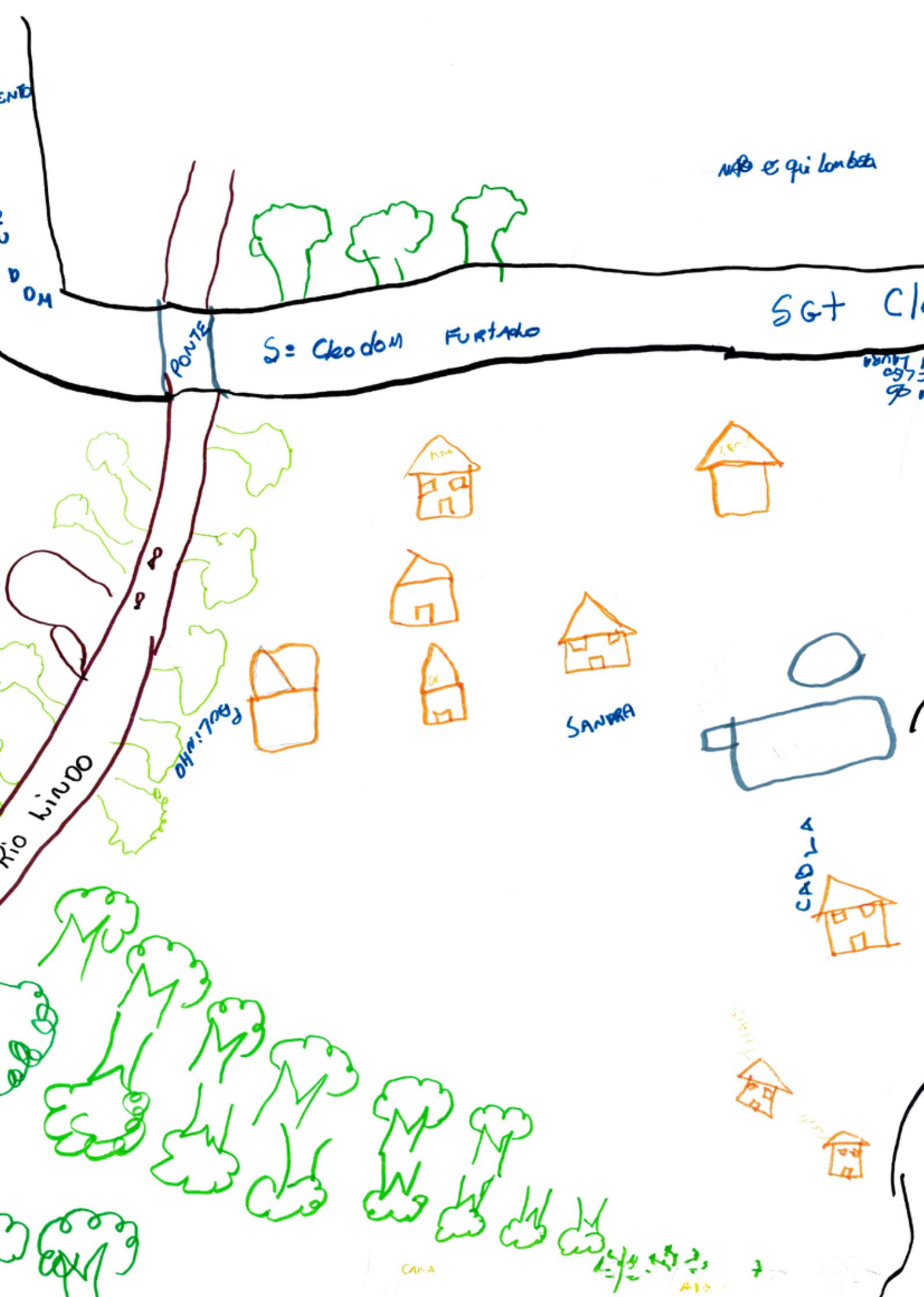
CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA

**QUILOMBO
CAFUNDA-ASTROGILDA/**

VARGEM GRANDE



**Caminhos de Memórias
e Resistência**



ENE
DOM

não é qui lombeta

PONTE

S = Cleodom FURTADO

SGT Cl

25/11/1
0973
9

Rio Lindo

Rod. 1110



SANDRA



CABLA



CARA

412

CORDEL DO CAFUNDÁ

Já não se ouve mais
O assovio do açoite
Nem o tilintar dos grilhões
Sons que por muitos anos
Atormentaram corações

Sois livres, partam!
Curem as suas feridas
Esqueçam o horror da senzala
Reconstruam suas vidas

Os negros desnorteados
Libertos enfim dos seus nós
Ocuparam uma imensa áreas
Os ermos dos cafundós

Foi ali que em pouco tempo
Começaram a surgir
Vários núcleos familiares
Que contarei a seguir
Cafundá, Morro Redondo
Eram os maiores que tinha
Também o Sítio das Moças
E a Toca da Farinha
Era nessa famosa toca
Que os escravos foliões
Quando deixavam o trabalho
Faziam reuniões

O núcleo do Cafundá
Fundado por meu avô
Se destacou bem depressa
Como o maior produtor

Nesse núcleo em pouco tempo
Com as famílias unidas
Um casal se destacou
Seu Celso e Dona Astrogilda
Seu Celso e Dona Astrogilda
Dentro da comunidade
Fundaram um centro espírita
Para fazer caridade

Não cobravam um centavo
Pelas curas que faziam
Ela com os Orixás
Ele com homeopatia
Como o caçula da família
Tenho a maior devoção
Mantenho o altar dos santos
Preservando a tradição

Aprendi muito com eles
Histórias lindas ouvi
Sobre os que já eram mortos
Mas muitos eu conheci

Bibiano, Antônio Virgulino
Nonô Cárdia e Sino
Joaquim Querozene, Vico Pereira
Chico da Chácara e Nonô

Nessas terras nós nascemos
Vivemos com abundância
Hoje somos ameaçados
Pelo fantasma da ganância

Senhores governantes
Controlem seu egoísmo
Nos tirar da nossa Terra
Para dar ao capitalismo.

Reconheçam Nosso Quilombo
E nos deixem ajudar
Nós que nascemos aqui
É que sabemos preservar;

Jorge Santos Mesquita - Pingo

*Cordel lido no dia em que
Fundação Cultural Palmares
entregou a certidão de Comunidade
Remanescente de Quilombo as
famílias quilombolas de Vargem
Grande 20 e novembro de 2014



QUILOMBO CAFUNDÁ-ASTROGILDA

É no maciço da Pedra Branca, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde está o território das famílias afrodescendentes que conformam o Quilombo Cafundá-Astrogilda, ao qual se chega pelo bairro de Vargem Grande.

Fazem parte da comunidade quilombola as famílias Lacerda Drumond, Pereira, Alves de Andrade, Martins, Cardia, Rodrigues, Mendez e Santos Mesquita entre outras que se distribuem geograficamente em núcleos parentais que se misturam. Foi a família Santos Mesquita a que deu início ao processo de certificação quilombola expedido pela Fundação Cultural Palmares em 2014. O nome Cafundá - Astrogilda está relacionado à história dos Santos Mesquita cuja matriarca, dona Astrogilda, deu início a essa linhagem e se tornou conhecida pela sua obra no terreiro localizado no Caminho do Cafundá.

A história de Astrogilda ecoa nos demais núcleos familiares e moradores que compõem o território e que se reconhecem como quilombolas a partir das suas práticas, trajetórias e memórias num território que em 1974 foi declarado como o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) com uma extensão de 12.491,72 hectares.



Astrogilda Ferreira dos Santos, a matriarca do Cafundá



Tilinho, figura histórica. Núcleo Astrogilda



Tio Nício - Núcleo Astrogilda



Loreto e Dromice no dia da Consciência Negra

BREVE HISTÓRICO

As origens das atuais famílias se remontam à época dos engenhos coloniais da Baixada de Jacarepaguá. A região era parte da sesmaria de Gonçalo Correia de Sá, que foi dada a sua filha, Vitória de Sá, em 1625 como dote de casamento. Os limites dessa propriedade são dados por marcos naturais: as serras do Engenho Novo e Nogueira ao fundo e o mar à frente. Com a morte de Vitória em 1667, o Engenho de Camorim foi deixado para os Monges Beneditinos que o dividiram em três fazendas: Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande, conectadas pela antiga Estrada de Guaratiba, que a partir de 1930 passou a ser a Estrada dos Bandeirantes.



Recibos que comprovam o pagamento das prestações ao BCM para adquirir a propriedade das terras



Comunidade reforça o pertencimento ao território

Durante dois séculos, os Beneditinos exploraram a região para criação de gado, cultivo da mandioca e preparo da farinha, coadjuvantes do cultivo da cana-de-açúcar, constituindo-se num pólo de cultura açucareira. O pilar desses processos econômicos foi a mão de obra escravizada.

Pouco se sabe sobre o que de fato ocorreu com a população escravizada da fazenda após sua antecipada alforria em 1871. Muitos dos cativos que conquistaram sua liberdade acabavam ficando na própria fazenda, na qual tinham conquistado o direito a ter culturas de subsistência e, uma vez alforriados, permaneceram nas entranhas do maciço da Pedra Branca. Com a abolição da escravatura, outros trabalhadores negociaram seu trabalho com os donos da fazenda em troca de moradia.

Em 1891 as terras da ordem dos Beneditinos foram vendidas à Companhia Engenho Central de Jacarepaguá, que posteriormente foram repassadas

ao Banco de Crédito Móvel - BCM que não reconheceu os direitos dos alforriados.

Para permitir a permanência dos sitiantes nos locais de residência e plantio o BCM outorgou créditos individuais para que estes pudessem comprar as terras. Praticamente todas as famílias guardam os recibos das prestações que seus ancestrais pagaram ao banco. Para os atuais residentes, é como se eles tivessem pago duas vezes pelas terras.

Dazinha, que dá nome ao Núcleo Dazinha



João Cordeiro que dá nome ao Núcleo João Cordeiro/ Juaréz



Bisa Dinda Laura, que dá nome ao Núcleo Dinda Laura

Em recorridos a pé, os moradores indicam a presença de ruínas e alicerces de construções, provavelmente coloniais e outras abandonadas sob as pressões do BCM por não pagamento. Não tem sido feito nenhum trabalho arqueológico sobre essas ruínas pelo que não há maiores informações.

Nilo e Merenciana Maria da Conceição (Tia Mocinha)



Tia Nata, conhecida rezadeira do Cafundá

NÚCLEOS

A associação bem marcada entre famílias antigas e lugares foi formando um padrão de "territórios de parentesco" composto originariamente por famílias agricultoras negras e mestiças, cujas práticas de localização foram delineando uma rede mais ou menos dispersa de localidades familiarizadas que constituem um território onde tudo mundo de uma ou outra forma está emparentado.

Não à toa, a mais frequente afirmação sentenciada nesta parte do maciço é que "por aqui todo mundo é parente". Entre os núcleos que compõem o quilombo se destacam João Cordeiro/Juaréz, Tia Mocinha/Carmélio, Dinda-Laura, Dazinha, Lila/Astrogildo, Morro Redondo e Astrogilda, aos quais se vinculam casas isoladas pertencentes à família estendida ou a núcleos parentais menos densos e pouco numerosos. Desta forma, um núcleo acolhe a um grupo familiar predominante, mas não de forma exclusiva, dados os casamentos entre os membros dos núcleos, daí que num mesmo núcleo convivam várias famílias.

Os nomes dos núcleos homenageiam os ancestrais e as pessoas mais velhas que deram origem a uma linhagem. Ao mesmo tempo, os nomes dos nú-

cleos são uma experiência de memória. Não se conta a história do Maciço da Pedra Branca sem mencionar às matronas como Astrogilda, Dazinha, Tia Mocinha, Laura, Dromice, Sebastiana, Expedita, Irene, Caboxa, Tia Nata e Tia Natalia entre tantas outras mulheres que foram pilares das famílias.

Mas a toponímia em si é flexível e pode mudar, os nomes dos núcleos podem permanecer mesmo se a pessoa homenageada já morreu e em outras ocasiões a localidade pode assumir o nome do sucessor vivo ou de uma liderança.

O espaço, carregado de marcadores de tempo, funciona como um sistema coerente de recordação dos antepassados que se faz acompanhar da indicação dos locais onde eles habitaram e viveram. Evocar um parente antigo e apontar onde possuía casa e plantações significa inserir sua presença na paisagem, inclusive se ele e / ou sua família foram embora e a "macega", palavra nativa para se referir à mata fechada, ameaça desmanchar as ruínas das suas casas; o contato direto com estes lugares age como uma ferramenta mnemônica para as histórias e a construção de biografias pessoais e neste mapa tem sido denominados como Lugares de Memória.

OS CONFLITOS ENTRE AGRICULTURA E A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Por muitos anos, a agricultura foi um importante sustento dos residentes desta área. Isso configurou um estreito vínculo com a paisagem do maciço, e por isso, é um forte elemento identitário da região.

Com a implantação do Parque Estadual da Pedra Branca em 1974 as atividades agrícolas tornaram-se praticamente um ato de resistência, afinal, o Parque não permitiria naquele momento a permanência das comunidades tradicionais, e a agricultura foi banida, desqualificada e perseguida em nome de uma suposta preservação ambiental.

A criação da área protegida contribuiu para asfixiar as práticas agrícolas que já passaram por importantes restrições e relegou as famílias moradoras do maciço a uma condição de incerteza jurídica quanto à legitimidade das suas propriedades e a permanência nas mesmas.

Apesar disso, e pela resistência da comunidade, hoje em dia, os principais produtos agrícolas produzidos são a banana e o caqui. As plantações estão localizadas nas encostas rodeadas de grande número de matações. Não é fácil chegar às espalhadas roças plantadas entre a floresta e o matagal que caracterizam a prática agroflorestal. Pelo seu incomparável sabor, o principal produto de Vargem Grande, a banana prata, ganhou o prêmio Maravilhas Gastronômicas do Estado do Rio de Janeiro em 2015, outorgado pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro na categoria Da Terra

Para as famílias que ainda praticam a agricultura, é impossível se sustentarem inteiramente a partir dos fazeres da roça e da comercialização da produção em feiras. Daí que muitos dos atuais moradores tenham trabalhos urbanos. Como afirma Jorge Cardia, "a maioria das famílias tem um pé na roça e outro no asfalto".

Dentre os quilombolas dessa parte do maciço da Pedra Branca, além de agricultores, há professores, pedagogas, engenheiros, bibliotecárias, pedreiros,



Jorge Cardia pelos caminhos do Morro Redondo

jardineiros, vigias, comerciantes, técnicos de informática, costureiras, artesãs, estudantes e donas de restaurantes.

Pela sua vez, a juventude do quilombo almeja estudar e se profissionalizar na busca de outros horizontes. Deste modo, a agricultura praticada na atualidade constitui-se em uma renda complementar. Alguns moradores ensaiam novas possibilidades produtivas como o plantio de abacaxi, a cultura de tilápias, a extração do mel de abelhas, a produção de cerveja e licores artesanais e a ampliação de restaurantes e serviços para turistas e visitantes.

Essas reinvenções não significam que os laços com o território tenham diminuído, mas que este têm se modificado na procura de formas criativas de permanência, subsistência, resistência e preservação ambiental.



Bil vendendo caqui, um dos principais cultivos do Maciço da Pedra Branca



Rosemary na barraca de bananas na Feira da Roça. a banana prata é uma das maravilha gastronômicas do Estado do Rio de Janeiro

PAISAGEM E RELEVOS

Na geografia do território quilombola destaca-se o Morro de Santa Bárbara (857 metros), o Pico da Pedra Branca (1025 metros) – ponto culminante do Município – a Serra do Rio da Prata (divisa com Campo Grande), os Morros do Cabungui, dos Caboclos, Toca Grande, Toca Pequena, o Pico do Morgado com altitudes entre 500 e 1000 metros.

O acesso de dá pelas estradas do Morgado, Pacuí, Cabungui, da Mucuiba e do Sacarrão, de onde partem trilhas em direção aos vales do Sacarrão, Cafundá e do Gunzá.

Em meio a Mata Atlântica, os cultivos se entremeiam nos pequenos rios encachoeirados como Mucuiba, Rio da Divisa, Rio Terreiro de Pedra, Rio Paineiras, Rio dos Caboclos, Rio do Moinho, Rio do Cafundá, Rio da Toca, Rio da Água Fria, Rio Cabungui, Riacho da Manga-Larga, Riacho Boqueirão que abastecem água tanto para os residentes locais como para os condomínios e residências de Vargem Grande. A cartografia levantada sugere um padrão de ocupação e uso do solo dado especialmente nos vales e platôs, evitando pontos altos do relevo.

CAMINHOS

Na paisagem, os caminhos são os mediadores entre casas e roças, entre os núcleos residenciais e a cidade. Os caminhos não apenas permitem o fluxo de parentes entre residências, ou de pessoas para seus trabalhos urbanos, sítios de estudo e postos de saúde; também são os que levam os agricultores para sítios, roças e ranchos.

Mal pode se falar da ocupação do Maciço da Pedra Branca sem fazer referência à função que os caminhos cumpriram na ocupação histórica e atual desse espaço, assim como no estabelecimento de rotas comerciais de importância para o desenvolvimento econômico do Rio de Janeiro. Sabe-se que, à medida que os diversos ciclos econômicos (cana, carvão, café) avançavam pelas encostas, a abertura de caminhos no interior da mata era requisitada.

Os caminhos conectam lugares como Camorim, Rio da Prata, Pau da Fome e as Vargens mediante percursos a pé, de burro ou a cavalo. Alguns dos antigos caminhos coloniais se mantêm e seus calçamentos de pedra ainda são visíveis e continuam como referência, tais como o caminho da Manga Larga, o caminho de Guaratiba, o caminho de Pau da Fome e o Caminho do Gunza entre outros.

As estradas de Cabungui, Serra Dourada, Mucuiba, Pacuí, entre outras, formam um estreito caminho aberto e melhorado pelo esforço dos próprios habitantes, e o contrário também acontece: verdadeiras estradas, ao perderem usuários, tornaram-se caminhos; alguns somem, deixando rastro apenas na memória nativa.



Visita de Pedro, Pingo (in memorian), Sandro e Alexandre. Nessa visita, o IBGE corrigiu nomes de rios que estavam errados na cartografia oficial.

Referências espaciais imprescindíveis, os caminhos são outras formas de nomear a paisagem, que nunca ficam alheias a ricas e densas narrativas. Ligados às diferentes dimensões da vida social, os caminhos mobilizam a memória e sempre contam histórias para quem tem uma pergunta, evocam cheiros, sabores e lembranças, trazem para o presente fragmentos do passado e atualizam as tramas do parentesco e da vizinhança.

A toponímia dos caminhos se mostra flexível, dependendo do narrador, da sua idade, do envolvimento da sua trajetória pessoal com lugares, parentes e vizinhos, antigos ou atuais. A toponímia do caminho por vezes depende da direção, do ponto onde se começa o trajeto, ou para onde se vai.

Os caminhos são a expressão de um mundo em incessante movimento, em construção permanente tecida a partir das linhas vitais dos humanos e dos não humanos enquanto costuram seus passos através de emaranhados de relações.

Derivado de "cafundó", Cafundá é o nome do caminho que leva ao núcleo Astrogilda, e significa lugar distante, ermo. Já Astrogilda é o nome da matriarca que coordenou um centro de umbanda muito importante para a comunidade entre os anos 1934 e 1962, junto a seu companheiro Celso dos Santos Mesquita.

Em sua parte baixa, o Caminho do Cafundá é a continuação da Estrada Mucuiba, mas quando passa pelo núcleo de Juarez pode se chamar Caminho de Juarez, porque Juarez e seus genros trabalharam nesse trajeto. Continuando para cima, o caminho adquire o nome de Cano de Ferro, por causa de uma

nascente de água que foi canalizada com tal material, após disso é indiscutivelmente o Caminho do Cafundá. Seguindo pelo Caminho do Cafundá, pode se virar pelo Caminho da Dormideira, que mais adiante será o Caminho do Gabriel, que depois vai se encontrar com o Caminho da Água Fria.

Assim, essa rede de caminhos configura toda uma epistemologia espacial nativa, cuja toponímia não é redutível a nenhuma cartografia cartesiana ou zoneamento ambiental. Cada caminho, como uma linha, é uma história, cada nome é a condensação de uma história.

Existem nomes de caminhos que fazem sentido para alguns, existem caminhos sem nome para outros e caminhos com mais de um nome. A lista é infundável: Caminho do Finado Ramiro, Caminho da Dormideira, Caminho do Gabriel, Caminho do Zé Almerindo, Caminho de Manuel Paes, Caminho do Rolador, Caminho da Água Fria, Caminho de Bela vista, Caminho do Chuveiro, Caminho de Manuel Paes. O importante é saber que sempre, e de qualquer forma, os caminhos guardam uma história. Mais que rótulos fixos, os nomes dos caminhos são descrições de fatos e narrações de histórias que aconteceram. Com isso, concluímos que as vidas dos habitantes não estão inscritas nas superfícies do mundo, mas tecidas no seu próprio tecido.



GASTRONOMIA E TURISMO

O turismo e a gastronomia emergem como segmentos promissores que se alimentam da paisagem do Maciço da Pedra Branca. Os riachos e suas pequenas cascatas tem atraído muitos visitantes que procuram se refrescar nas águas de Poço Frio, Poço do Carrapeta, Poço das Antas, Poço da Lage, Poço da Mãe d'Água e o Poço de Licanor e percorrer trilhas que requerem pouco esforço físico. Porém, o fluxo de visitantes tem aumentado drasticamente sem um Plano de Uso Público, por parte do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), que seja adequado.

Apesar do movimento turístico ser bom em termos econômicos, há o risco de ocorrência de um turismo predatório e sem controle. Os moradores sofrem com a prática sem cuidado e regulamentação do motocross pelos caminhos. Também são requeridos por certo público o aluguel de cavalos em haras das proximidades para realizar cavalgadas e travessias em direção ao Rio da Prata.

A afluência de visitantes tem sido aproveitada pelos restaurantes como *Tô na Boa*, *Cantinho da Serra*, *Bar da Nilza* e *Cantinho do Sossego* que completam a experiência sensorial e de visitação ao maciço da Pedra Branca e são de propriedade das mulheres quilombolas do Cafundá.

Esses espaços gastronômicos são dirigidos pelas mulheres. Os restaurantes de Gizele, Ercilia, Nilza e Tati tornaram-se verdadeiros pontos turísticos e de visitação do bairro de Vargem Grande, atraindo turistas e clientes que procuram desde as autênticas comidas da roça e os doces que recriam receitas tradicionais, até novidades gastronômicas mais sofisticadas, drinks e cervejas artesanais.

A experiência da paisagem também se dá mediante travessias a pé ou a cavalo em direção aos bairros de Guaratiba e Campo Grande, pelos antigos caminhos usados pelos sitiantes e tropeiros, com suas mulas e produtos agrícolas.



Pingo (in memorian), o griô do Cafundá - Núcleo Astrogilda

AÇÃO GRIÔ

Griô é uma palavra de tradição africana para designar mestres de saberes culturais, é muitas vezes utilizada em quilombos para homenagear seus ancestrais. "Eles [os Griôs] detêm um conhecimento que não está nos livros", afirma Sandro da Silva Santos, um dos netos de Dona Astrogilda. Desde 2015, a família Santos Mesquita coordena o Projeto Ação Griô para receber visitas agendadas de grupos familiares e escolares.

Trata-se de jornadas de um dia de imersão dos visitantes na geografia do maciço e da história local, narrada pelos próprios quilombolas e temperada pelos sabores das cozinhas tradicionais. A proposta é que estudantes e interessados possam interagir com os moradores, visitem as agroflorestas e aprendam sobre agroecologia no marco da educação ambiental.

A Ação Griô é um espaço de bate papo sobre o modo de vida e a sabedoria local da comunidade quilombola. A proposta condensa um tipo de gestão do espaço e a oportunidade de repassar para os visitantes sua visão de mundo. Os quilombolas de Vargem Grande têm procurado, além do reconhecimento e respeito à sua presença, ampliar a noção de ambientalismo.

Para a população local, a temática ambiental tem que incluir questões que dizem respeito ao habitar da vida cotidiana das comunidades quilombolas: a moradia, procedimentos para reformar casas e caminhos, e reivindicação de direitos, como o acesso legal à energia elétrica e ao saneamento básico. Assuntos que, por vezes, são desconsiderados na pauta da agenda ambiental. Ação Griô também é uma homenagem para Pingo, caçula de Astrogilda e lembrado por todos pelas suas dotes como grande narrador, contador de mentiras e diretor de pasquines fofosqueiros.



Pai Tertuliano



Altar pertencente ao terreiro de Astrogilda

ECO-MUSEU E ESPIRITUALIDADE

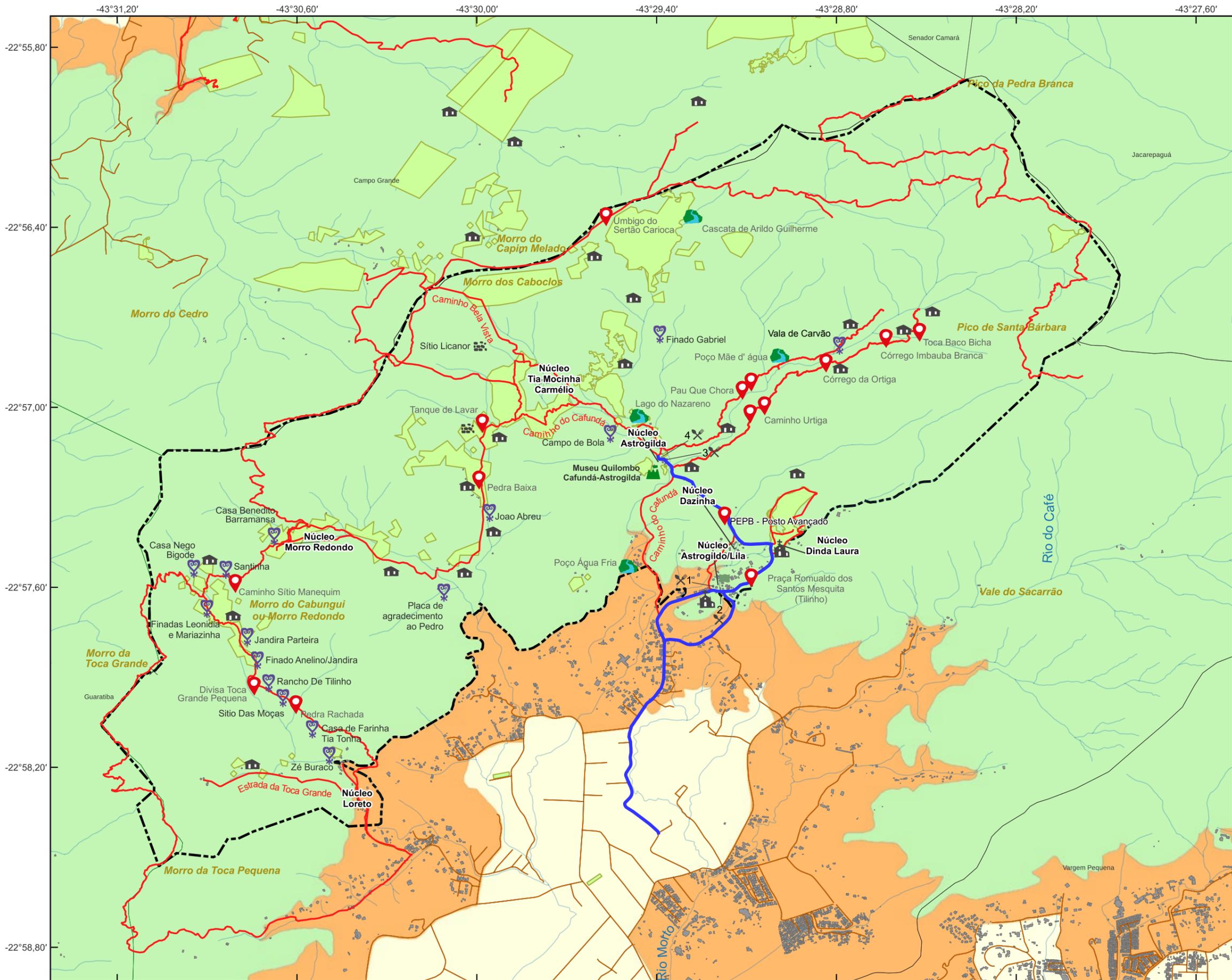
Em 2015, o núcleo familiar dos Santos Mesquita iniciou a construção de um espaço museográfico com o objetivo inicial de abrigar as memórias materiais do antigo terreiro, comandado por dona Astrogilda e seu marido Celso. Através de um sonho, a entidade Pai Tertuliano, preto velho e guia espiritual do terreiro



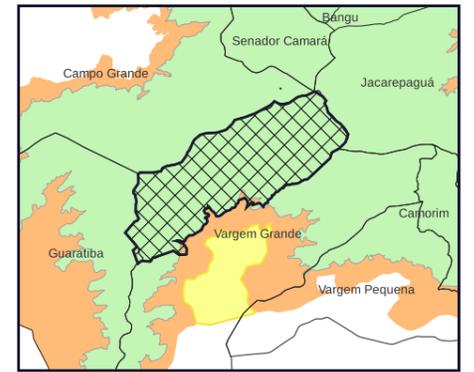
Parangolé, uma bebida com o carimbo do Cafundá

teria pedido para os descendentes de Astrogilda uma nova casa, e assim anexado ao museu, foi levantado um pequeno terreiro onde foram reinstalados um antigo altar, quadros e imagens de santos.

Os saberes locais botânicos e homeopáticos transmitidos por Celso Mesquita, famoso pelas "garrafadas" de cura e as rezas de Astrogilda no meio de tratamentos medicinais e ritualísticos, também são resguardados pela família. A mais famosa das bebidas produzidas é o parangolé, criada por Pingo para homenagear seu amigo Hélio Oiticica.



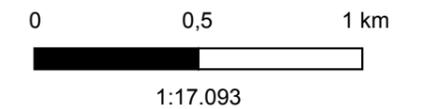
MAPA DE LOCALIZAÇÃO



LEGENDA

- Museu Quilombo Cafundá-Astrogilda
- Poço/ Cascata/ Lago
- Edificação Religiosa
- Edificação Ensino
- Casas isoladas
- Ruína
- Ponto de referência
- Lugares de memória
- Restaurantes
- 1 Restaurante Tô na boa
- 2 Cantinho da Serra
- 3 Bar da Nilza
- 4 Cantinho do Sossego
- Acesso principal
- Trilhas
- Arruamento
- Curso D'água
- Edificações
- Quilombo (al. aprox.)
- Áreas de cultivo
- Parque Estadual da Pedra Branca
- Zona de Amortecimento
- Área densamente edificada

Área do Quilombo Cafundá-Astrogilda
1250ha



FOSSAS DE EVAPOTRANSPIRAÇÃO

As Fossas de Evapotranspiração também chamadas de bacias de Evapotranspiração são uma experiência de manejo sustentável que vem sendo posta em prática nos núcleos Astrogilda e Dinda-Laura.

A fossa é um sistema fechado para a decomposição anaeróbia da matéria orgânica. Trata-se de um

estanque que recebe o efluente dos vasos sanitários, que passa por processos naturais de degradação microbiana da matéria orgânica, mineralização de nutrientes, e a consequente absorção pelas raízes dos vegetais já que não há saída de água para filtros ou sumidouros, o qual preserva o lençol freático e as nascentes.

AS FARMÁCIAS DOS QUINTAIS

Os conhecimentos dos poderes curativos das plantas, raízes e cipós são um patrimônio imaterial do quilombo. Os quintais são depósitos de uma ampla bagagem cultural nativa acerca do uso de plantas ornamentais, medicinais utilitárias e ervas para temperos. Os conhecimentos no manejo e uso das espécies são enormes, passados de geração em geração, em trocas entre vizinhanças e com outros movimentos sociais, em cursos de atualização e nas leituras de manuais botânicos.

O conjunto de conhecimentos é uma alquimia de saberes próprios somados às experiências de outros lugares que garantem uma permanente troca de mudas e sementes de variadas espécies locais e exóticas, a qual aumenta a riqueza de espécies cultivadas e a biodiversidade. Nos quintais, mulheres comandam um espaço de vida, cuidado e beleza, socialização e lazer. Ao mesmo tempo que as roças, o quintal tem extrema importância na vida das mulheres, mas ele não é a principal atividade de todas elas.



Elici Martins com ervas medicinais do seu quintal Núcleo Dinda Laura



Jorgina, Rita e Angélica vendendo na Feira da Roça em Vargem Grande



Maria Lúcia apresentando os preparados de ervas



Pingo (in memorian) vendendo suas garrafadas em dia de comemoração da Consciência Negra

FESTAS E COMEMORAÇÕES

O calendário festivo de Vargem Grande é muito animado, não faltam motivos para comemorar no Quilombo Cafundá-Astrogilda. A festa junina mais popular da Zona Oeste é patrocinada por Pedro Mesquita, o agricultor mais querido do núcleo Astrogilda. Sendo um marco para seu aniversário, Pedro aproveita para também homenagear São Pedro e, claro, São João.

Nada é mais oportuno que o solstício de inverno para pedir por uma boa colheita, afastar pragas e os maus espíritos. Fogueira colorida e comidas da época estão garantidas fartamente todo 29 de junho.

Os netos da Dinda Laura, como nos velhos tempos, organizam sua festa. Um verdadeiro mutirão para preparação das barracas, comidas e ornamentação que acontece no segundo final de semana de julho. O ponto alto da festa é a quadrilha do Pé Russo.

O 20 de novembro, Dia da Consciência Negra entrou oficialmente no calendário local desde 2014, ano em que a comunidade recebeu a certidão de Comunidade Remanescente de Quilombo por parte da Fundação Cultural Palmares. Nesse dia, membros do quilombo oferecem uma feijoada para comemorar as lutas da negritude pelo direito à moradia digna, o respeito às crenças religiosas e o combate ao racismo em todas suas expressões.



Jorgina, a docera de Vargem Grande



Nilza e Pedro Mesquita na Comemoração do dia da Consciência Negra - Núcleo Astrogilda

SOBRE ESTE MAPA

Este mapa foi feito através do uso e apropriação de ferramentas participativas vinculadas às novas tecnologias de informação geográfica. A construção do mapa e os marcadores territoriais partiu de oficinas de popularização da cartografia. Os fundamentos teóricos, metodológicos e empíricos da cartografia participativa se dirigem para o fortalecimento organizativo comunitário e o processo de tomada de decisão no território a partir da análise nativa da realidade sociogeográfica.



Jorge Cardia, tio Ari e Adilson Mesquita no processo de mapeamento

Este mapa foi elaborado em duas etapas bem distantes, uma primeira iniciada em 2016 quando os moradores do território começaram a responder a uma pesquisadora qual seria a extensão do território reivindicado. As primeiras caminhadas nesse sentido se deram pela mão de Pedro Santos Mesquita, Sandro dos Santos e Alexandre dos Santos.

Sem recursos para sistematizar e editorializar os mapas, os trabalhos de aprimoramento, verificação e discussão foram retomados graças aos recursos do Projeto Sertão-Carioca iniciado em 2020.

Foram realizados exercícios de reconhecimento espacial mediante a elaboração de mapas mentais e afetivos. A captura de pontos de GPS foi feita com os moradores mediante mais de uma dúzia jornadas de caminhadas pelo território e orientou-se pela manutenção das toponímias locais.



Irmãos Martins em jornada de mapeamento Núcleo Dinda Laura



Jacira Mesquita - Núcleo Morro Redondo

O processamento cartográfico passou por várias reuniões com os moradores interessados para o ajuste, correções, verificações e decidir sobre que elementos deveriam estar presentes no mapa e quais não. Sendo um território intensamente habitado e praticado, os marcadores da territorialidade são infinitos. Daí que tenha sido feita uma seleção de objetos para deixar legível o mapa. Outros elementos como a identificação individualizada das casas foram deixadas por fora para proteger a intimidade dos atuais moradores.

Neste mapa usamos como principais marcos geográficos: 1) o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), como a área da Unidade de Conservação - UC, ela aparece em verde. 2) A Zona de Amortecimento-ZA em cor laranja refere-se à área estabelecida ao redor da UC com o objetivo de filtrar os impactos negativos das atividades que ocorrem fora dela, como: ruídos, poluição, espécies invasoras e avanço da ocupação humana, especialmente nas unidades próximas a áreas intensamente ocupadas. As zonas de amortecimento não fazem parte das UCs mas, localizadas no seu entorno, têm a função de proteger sua periferia. 3) e finalmente, a cor amarela designa a área urbana propriamente dita.

Neste mapa demos destaque aos elementos considerados de importância para os que participaram da sua elaboração: os atuais Núcleos do Quilombo Cafundá Astrogilda e os Lugares da Memória. Muitos desses lugares da memória não têm nenhum resquício físico, mas são marcos de lembrança, do tempo de antes, de eventos importantes e espaços de troca como foram os armazéns, os campos de bola e a casa da farinha.



Oficina Cartografia Afetiva- Núcleo Dinda Laura





Dona Tiana- Núcleo João Cordeiro/Juarez



Carmelio em dia de mapeamento



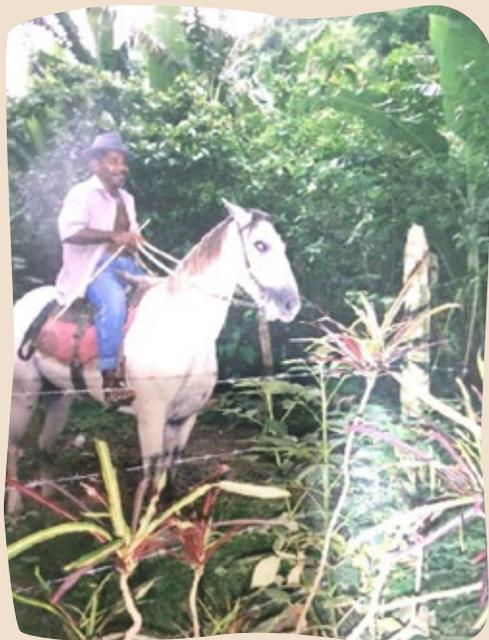
Pedro, Alexandre e Diana em jornada de captura de pontos de GPS



Rosendo Santos Mesquita
Núcleo de Morro Redondo



Maria, Anildo e Romário do Núcleo Dazinha



Juarez que dá nome ao Núcleo João Cordeiro-Juarez



Sandro e Caboxa - Núcleo Morro Redondo



Gerê e o filho - Núcleo Loreto



Maria da Silva Santos - Núcleo Lila-Astrogildo



Crianças do Núcleo de Dazinha



Jorge e Ubiratã Cardia na Feira Agroecológica de Vargem Grande



Paulo Santos, Seu Jorge Cardia e Seu Bil revisando o mapa

Em alguns poucos locais encontram-se ruínas coloniais e de casas abandonadas elas foram aqui ressaltadas. Também foram indicadas pelos fazedores do mapa lugares dos residentes antigos que deixamos na categoria de Lugares da Memória ou dos seus ancestrais por entenderem que, ainda não estando mais presentes neste plano, eles são parte de uma estendida rede de parentesco que entremeando-se com a paisagem constituem território é o caso da casa de Nego Bigode, pai da Nilza.

Fazem parte dessa rede de pontos da memória os Ranchos, pontos de apoio para a agricultura, normalmente retirados das moradias principais, tal como era o rancho de Seu Tilinho pai de Pedro. Hoje em dia Seu Carmélio tem um rancho, mas antigamente essas unidades eram muitas mais.



Ruínas da Fazenda de Vargem Grande

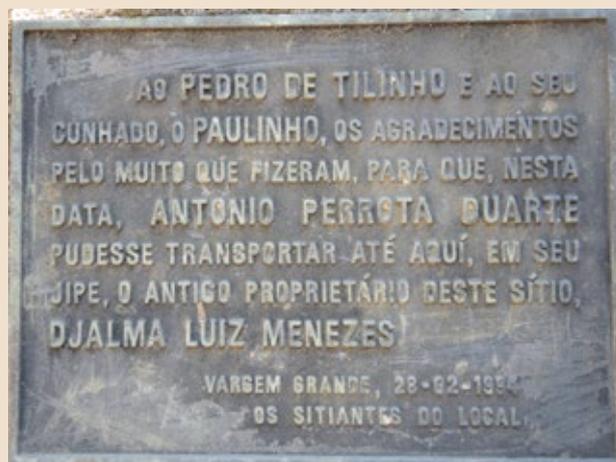
Outra importante categoria destacada na elaboração do mapa foi a rede de caminhos que atravessam o Maciço da Pedra Branca. As categorias entre usos e memórias se misturam e o caminho é a prova disso. O registro das empreitadas e mutirões é o próprio caminho. Às vezes, eventos significativos, como casamentos ou aniversários, exigiram conserto dos caminhos; nem sempre todos os usuários têm consciência do trabalho investido, ou dos arranjos que permitiram que hoje uma rota seja transitável.



Sandro Santos indica os pontos de interesse do quilombo no processo participativo de revisão do mapa cartográfico

Uma dessas empreitadas valeu uma placa de agradecimento e hoje um ponto de memória obrigatório. Feita em ferro foi e colocada no caminho do Morro Redondo, onde Sebastião Correia Teles agradece textualmente "a Pedro de Tilinho, e ao seu cunhado Paulino, pelo muito que fizeram para que na data (28 de fevereiro de 1994) Antônio Perrota Duarte pudesse transportar até aqui, em seu jipe, o antigo proprietário deste sítio, Djalma Luiz Menezes".

Esses elementos culturais somados aos cultivos e plantações de banana e caqui entremeadas na mata constituem os elementos de uma territorialidade para a qual se propõe, mediante este mapa, a delimitação provisória de um polígono que não exclui propriedades privadas não quilombolas ao interior dele. O mapa que apresentamos sugere uma extensão territorial de 1250 hectares; a maior parte do território está acima da cota dos 100 metros e uma pequena parte dessa territorialidade se encontra na zona de amortecimento. O polígono proposto aparece no mapa de forma pontilhada, porque não se trata de uma demarcação definitiva. Novos aspectos sociais não considerados no momento deste exercício cartográfico podem vir a reconfigurar esses limites.



Placa em homenagem a Pedro

PARTICIPANTES

Pedro Santos Mesquita, Nilza dos Santos Mesquita, Sandro da Silva Santos, Alexandre dos Santos, Jorge Cardia, Cristina Correia dos Santos, Carlos Motta, Carmélio Santos, Ivani Rosa Silva, Eleci de Lacerda Martins, Elizabete de Lacerda Martins, Laerte Lacerda Martins, Adilson Mesquita Junior, Isabela Martins, Maria Lucia Santos Mesquita, Georgina Santos Mesquita, Catarina Mesquita, Paulinho Martins, Bil de Santos Mesquita, Tatiane Silva Das Chagas Moretti e Fernanda Silva Das Chagas Moretti, Thaís Martins.

Jorge dos Santos Mesquita (Pingo) *In memoriam*

EQUIPE EM CAMPO

Sandro da Silva Santos, pesquisador e liderança quilombola

Luz Stella Rodríguez Cáceres, Antropóloga, Coordenadora das Oficinas de Cartografias Participativas

Paulo Santos, Cartógrafo

Caroline Santana, Coordenadora Eixo Sociocultural

Geovana Melo, Estagiária do Eixo Sociocultural

FOTOGRAFIA

Luz Stella Rodríguez Cáceres, Bruna Távora, Geovana Melo, Caroline Santana e acervo Quilombo Cafundá Astrogilda

TEXTO

Luz Stella Rodrigues Cáceres

ORGANIZAÇÃO

Sandro Santos, Luz Stella Rodríguez Cáceres, Paulo Santos, Bruna Távora, Ingrid Pena, Caroline Santana, Geovana Melo e Pedro Biz

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bruna Távora e Pedro Biz

PROJETO GRÁFICO

Pedro Biz

CONTATOS COM A COMUNIDADE

Instagram
@quilombo_cafunda_astrogilda

Facebook:
Cafundá Astrogilda (Quilombo Cafundá Astrogilda)

FONTES DA CARTOGRAFIA

Base de Lougradouros: IPP

Limite Apa: IPP

Hidrografia: IPP

Edificações: IPP

Caminhos: Coleta por GPS de navegação

Contorno quilombo: Quilombolas de Vargem Grande

Imagens: Google Earth

Hidrografia, curva de nível, pontos cotados - IBGE

Limites quilombo, Caminhos, Lugares de memória, casas isoladas, pontos territoriais e outras referências - Cartografia quilombola.

ISBN 978-65-89039-16-7

Para conhecer um pouco mais sobre as histórias e memórias do Quilombo Cafundá Astrogilda, aponte sua câmera para o QR code e assista aos documentários:

Quilombo e suas Raízes - Ancestralidade de Astrogilda



Natu Reza a Cura das Matas



REALIZAÇÃO



PROJETO
SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA



AS·PTA
agricultura familiar e agroecologia



PATROCÍNIO



PETROBRAS

ISBN 978-65-89039-16-7